

Duplicata

Jornal: Correio da Manhã (Itinerário das Artes Plásticas)

Data: 27-03-1965

Local: Rio de Janeiro

Título: Os Soturnos e Elegantes Espectros de Serpa

Autor: Mauricio, Jayme

Nota: Fotos de Ivan e quadros

27/2

instituto de arte contemporânea

JORNAL: Correio da Manhã (Itinerário das Artes Plásticas)
DATA: 27-03-65
LOCAL: Guanabara
TÍTULO: Os Soturnos e Elegantes Espectros de Serpa
AUTOR: Jayme Maurício

OS SOTURNOS E ELEGANTES ESPECTROS DE SERPA

A exposição de Ivan Serpa que o Museu de Arte Moderna do Rio inaugurou quinta-feira não é, como se anunciou, uma retrospectiva ou mostra-revisão como chamamos, mas uma individual da fase mais recente, figurativa, iniciada há uns três anos e já exposta, nos seus primeiros e polêmicos resultados, em galeria da Zona Sul. E essa orientação foi acertada: a capacidade inventiva e o virtuosismo artesanal de um pintor tão jovem quanto experimental por certo ainda nos darão muitas retomadas de posição e conceitos. Serpa, porém, não resistiu à tentação de mostrar algumas peças antigas e collagens. Poucos pintores brasileiros representarão tão bem esse fecundo, inquieto e algo instável período que marca a pintura e a crítica de arte destes últimos 15 anos, após os museus de arte moderna e a bienal paulista. A literatura sobre a obra de Serpa é exaustiva — deu e continua dando o maior trabalho à imaginação e competência da crítica tecnicista e literária, quase sempre deslumbradas com o seu virtuosismo técnico, inventiva e espírito artisticamente cultivado. E a fase atual, expressionista, como todo o Expressionismo de todos os tempos, vai proporcionar muitos vãos de imaginação aos poetas e escritores, os quais já começaram, aliás, a dar os mais românticos títulos ao excelente Serpa, como pintor maldito, pintor macabro, etc.

Dissemos que a pintura atual de Serpa é expressionista. E desde logo vamos lembrando que o expressionismo bem mais que um estilo é uma concepção de vida e uma visão do mundo concebidos por dentro. De uma maneira mais simples ainda poderíamos dizer tratar-se da projeção do homem (pintor) sobre a natureza,

sobre os acontecimentos, sobre ele mesmo. A fatura da pintura expressionista é quase tão ampla quanto o próprio número de pintores expressionistas. E, embora não tenham nenhuma doutrina rígida comum, tem-se a impressão de que todos eles se submetem a um conjunto de leis instintivas que lhes assegura uma grande unidade, figurativos ou não-figurativos. O termo, portanto, é dos mais elásticos. Cobre um grande raio de ação e alcança, inclusive, o nosso Serpa nessa fase a que alguns querem chamar de neofigurativa, exclusivamente para não perder a tônica vanguardista. Expressionista é Serpa enquanto fecha os olhos sobre o que vê e pinta no espírito; enquanto não se deixa impressionar pela coisa que viu mas exprimir a coisa que sente; enquanto deixa que a imagem psíquica ou visual; enquanto se abandona aos impulsos os mais violentos do instinto; enquanto concebe a vida e a natureza dominadas por forças tumultuosas, desunidas e por vezes desastrosas e dramáticas; enquanto, ao pintar, repensa, recria, segundo seu temperamento, arbitrariamente sem o peso de um sistema; especialmente enquanto suas telas continuarem a ser um retrato e uma confissão do seu autor. Sô não será expressionista — e aí mais uma vez estará em luta com o seu perfeccionismo tecnicista — quando não é sinceramente direto, impetuoso, apaixonado e verdadeiramente crispado; quando não está verdadeiramente numa espécie de transe que transforme sua pintura numa espécie de medium de uma sensibilidade superaguda; quando não é monumental e cai numa medida menor, alheia ao elan vital primitivo.

Feitos esses reparos, necessários à compreensão da mostra e da fase, vamos ao encontro da criação de Serpa. Pela primeira vez, parece-nos, o artista aparece totalmente conseqüente do sentimento deixando de lado o intelecto que quase sempre guiou seu trabalho. A emoção está na base de todas as telas. O romantismo quase sempre adivinhado nesse pintor aparentemente tão racional explode em motivações angustiantes, quase macabras e de-

pressivas. Tonalidades baixas e ardentes, contornos sombrios, de desenho sólido e preciso. A forma subordina-se à expressão emotiva mas o cuidado artesanal, essa terrível sedução de Serpa, impede a estridência ou a desordem. Assim, surpreendentemente, os problemas de vida e morte, de solidão, as relações entre o irreal de um pesadelo e o real de uma natureza ameaçada e ameaçadora, as reações éticas ou políticas, enfim todas as motivações desagregadoras possíveis do pintor, são veiculadas numa harmonia lúgubremente agradável. A boa qualidade de pintura, em nosso entender, supera as motivações dramáticas. Ocorre-nos por vezes que o artista atormentado é traído pelo esteta, pelo virtuosismo do pintor. Pois que de toda essa mostra a impressão final é a de que Serpa confere à decomposição espectral de seus personagens uma profunda melancolia, uma solidão quase desejável, e sobretudo uma soturna beleza de valores formais e tonais.

Frontispício:

- fotos de Ivan Serpa e de seus quadros.

Jornal: Correio da Manhã
Data: 27-03-1965
Local: Rio de Janeiro
Título: Os soturnos e elegantes espectros de Serpa
Autor: Mauricio, Jayme
Notas: Fotografia do Ivan tendo como fundo um quadro da fase ne
gra

Patrícia
não copiar

Artigo deve ser aproveitado
na íntegra - Expressionismo de Serpa

Instituto de Arte Contemporânea

Os soturnos e elegantes espectros de Serpa

A exposição de Ivan Serpa que o Museu de Arte Moderna do Rio inaugurou quinta-feira não é, como se anunciou, uma retrospectiva ou mostra-revisão como chamamos, mas uma individual da fase mais recente, figurativa, iniciada há uns três anos e já exposta, nos seus primeiros e polémicos resultados, em galeria da Zona Sul. E essa orientação foi acertada: [a capacidade inventiva e o virtuosismo artesanal de um pintor tão jovem quanto experimental por certo ainda nos darão muitas retomadas de posição e conceitos.] Serpa, porém, não resistiu à tentação de mostrar algumas peças antigas e collagens. [Poucos pintores brasileiros representarão tão bem esse fecundo, inquieto e algo instável período que marca a pintura e a crítica de arte destes últimos 15 anos, após os museus de arte moderna e a bienal paulista. A literatura sobre a obra de Serpa é exaustiva - deu e continua dando o maior trabalho à imaginação e competência da crítica técnica e literária, quase sempre deslumbrados com o seu virtuosismo técnico, inventiva e espírito artisticamente cultivado.]

E a fase atual, expressionista, como todo o Expressionismo de todos os tempos, vai proporcionar muitos vãos de imaginação aos poetas e escritores, os quais já começaram, aliás, a dar os mais românticos títulos ao excelente Serpa como pintor maldito, pintor macabro, etc.

Dissemos que a pintura atual de Serpa é expressionista. E desde logo vamos lembrando que o [expressionismo bem mais que um estilo é uma concepção de vida e uma visão do mundo concebidos por dentro.] De uma ma

neira dentro. [De uma maneira mais simples ainda poderíamos dizer tra-
tar-se da projeção do homem (pintor) sobre a natureza, sobre os aconte-
cimentos, sobre ele mesmo.] A fatura da pintura expressionista é qua-
se tão ampla quanto o próprio número de pintores expressionistas. E em-
bora não tenham nenhuma doutrina rígida comum tem-se a impressão de
que todos eles se submetem a um conjunto de leis instintivas que ^{deus} ~~as~~
assegura uma grande unidade, figurativos ou não-figurativos. O ~~termo~~ ^{TERMO}
portanto, é dos mais elásticos. Cobre um grande raio de ação e alcan-
ça, inclusive, o nosso Serpa nessa fase a que alguns querem chamar de
néofigurativa, exclusivamente para não perder a Tônica vanguardista.,
Expressionista é Serpa enquanto fecha os olhos sobre o que vê e pinta
no espírito; enquanto não deixa impressionar pela coisa que viu mas
exprimir a coisa que sente; enquanto dá a imagem psíquica ⁿ supe-
ra a imagem óptica ou visual; enquanto se abandona aos impulsos os mais
violentos do instinto; enquanto concebe a vida e a natureza dominadas
por forças ~~tumultuosas~~ ^{tumultuosas}, desunidas e por vezes desastrosas e dramáti-
cas; enquanto, ao pintar, repensa, recria, segundo seu temperamento,
arbitrariamente sem o peso de um sistema; especialmente enquanto suas
telas continuarem a ser um retrato e uma confissão do seu autor. Só
não será expressionista - e aí mais uma vez estará em luta com o seu
perfeccionismo tecnicista- quando não é sinceramente direto, impetuo-
so, apaixonado e verdadeiramente c r i s p a d o; quando não está ver-
dadeiramente numa espécie de Transe que transforme sua pintura numa es-
pécie de medium de uma sensibilidade superaguda; quando não é monumen-
tal e cai numa medida menor alheia ao elan vital Primitivo.

Feitos esses reparos, necessários à compreensão da mostra e da fa-
se, vamos ao encontro da criação de Serpa. Pela primeira vez, parece-
nos, o artista aparece totalmente conseqüente do sentimento deixando
de lado o intelecto que quase sempre guiou seu trabalho. A emoção es-
tá na base de todas as telas. O romantismo quase sempre adivinhado,
nesse pintor aparentemente tão racional explode em motivações angusti-
antes, quase macabras e depressivas. Tonalidades baixas e ardentes,,,

contornos sombrios, desenho sólido e preciso. A forma subordina-se à expressão emotiva mas o cuidado artesanal, essa terrível sedução de Serpa, impede a estridência ou a desordem.

Assim, surpreendentemente, os problemas de vida e morte, de solidão, as relações entre o irreal de um pesadelo e o real de uma natureza ameaçada e ameaçadora, as reações éticas ou políticas, enfim todas as motivações desagregadoras possíveis do pintor, são veiculadas numa harmonia lúgubremente agradável. A pintura, em nosso entender, supera as motivações dramáticas. Ocorre-nos por vezes que o artista atormentado é traído pelo esteta, pelo virtuosismo do pintor. Pois que de toda essa mostra a impressão final é a de Serpa confere à decomposição espectral de seus personagens uma profunda melancolia, uma solidão quase desejável, e sobretudo uma soturna beleza de valores formais e tonais.

arte contemporânea